

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMARIO—Aquarellas, O empregado publico aposentado—Romance, O testamento do Sr. Chauvelin—A hospitalidade no Brazil (Uma excursão por Minas)—Alzira ou a louca de Botafogo—Opera nacional—Similia similibus—Revista dos theatros—Poesias, Pensativa, e O canto do sertanejo (indígena brasileira)—Chronica elegante.

Aquarellas.

III.

O EMPREGADO PUBLICO APOSENTADO.

Os egipcios inventaram a mumia para conservarem o cadaver através dos séculos. Assim a matéria não desaparecia na morte; triunphava della, do que temos alguns exemplos ainda.

Mas não existiu só la esse facto. O empregado publico não se aniquilla de todo na aposentadoria; vai alem, sob uma forma curiosa, antídiluviana, indefinível; o que chamamos empregado publico aposentado.

Espele à rebours, só reflecte o passado, e por elle chora como uma criança. E a elegia viva do que foi, salgueiro do carrancismo, carpideira dos velhos sistemas. Reforma, é uma palavra que não se diz diante do empregado publico aposentado. Ha lá nada mais revoltante do que reformar o que está feito! abolir o methodo! desmoronar a ordem!

Atado assim ao posto do carrancismo, eterno labaro do que é moderno, o empregado publico aposentado é um dos tipos mais curiosos da sociedade. Representa o lado comico das forças retroativas que equilibram os avanços da civilização nos povos.

E' o tipo que hoje trago à minha tela. São variáveis o carácter e as feições desta individualidade, mas eu procurarei dar-lhe os traços mais natos, os mais vivos.

Conceber um aposentado sem caixa de rapé é

conceber o sol sem luz, o oceano sem agua. Uma pertence ao outro, como a alma pertence ao corpo; são inseparáveis. E tem razão! O que vale uma caixa de rapé não o comprehende qualquer profano. E' o adubo opportuno de uma conversa arida e suada sobre qualquer reforma do governo. E' o meio de conhecimento com um potentado de quem se espera alguma cousa. E' a boceta de Pandora. E' tudo, quasi tudo.

E não parece. Aquelle utensilio tão mesquinho, em um outro qualquer está circumscripção na estreita esphera do nariz; nas mãos do aposentado, transforma-se; em vez de se tornar o deposito de um vicio, torna-se o instrumento de certos factos politicos que muitas vezes parecem nascer de causas mais altas.

Este prestigio do empregado publico aposentado não pára só na boceta, estende-se por todos os accessórios daquele curioso individuo. Na gravata, na perzilha, na bengala, ha certo ar, uma nuança especial, que não está ao alcance de qualquer. Ou natureza, ou estudo, a aposentadoria traz ao empregado publico esses dotes, como um presente de nupcias.

Ora apesar deste methodico das fórmas, não estão limitadas ahí as vistas do aposentado. Ha naquelle cerebro alguma finura para se não entregar exclusivamente a essas ninharias. E a política? A política la o espera; la o espera o governo; la o espera o theatro, as modas, os jornaes, tudo o espera.

Não é maledicente, mas gosta de cortar o seu pouco sobre as cousas do paiz. Não é um vicio, é uma virtude cívica: o patriotismo.

O governo, não importa a sua cor política, é sempre o bode expiatorio das doutrinas retrogradas do empregado publico aposentado. Tudo quanto tende ao desequilíbrio das velhas usanças é um crime para esse viuvo da secretaria, archeólogo dos costumes, antiga vítima do ponto, que não comprehende que haja nada além das raías de uma existência oficial.

Todos os progressos do paiz estão ainda debaixo da lingua fulminante deste cometa social. Estradas de ferro ! é uma loucura do modernismo ! Pois não bastavam os meios classicos de transporte que até aqui punham em communicação localidades affastadas ? Estradas de ferro !

Desta sorte todas as instituições que respiram revolução na ordem estabelecida das cousas — podem contar com um contra do empregado publico aposentado. Este meio mesmo de retratar á pena, como faço actualmente, revoltaria o espirito tradicional da grande mumia do passado. Uma innovação de máo gosto, dirá elle. E' verdade ; não representa apenas a superficie da epiderme, vai ás camadas mais intimas da materia organisada.

O empregado publico aposentado poderá deixar de comer, mas la perder um jornal, lá perder um jubileu politico ou sessão de parlamento, é tarefa que não lhe está nas forças.

O jornal é lido, analysado com toda a finura de espirito de que é elle capaz. Devora-o todo, annuncios e leilões ; e se não vai ao folhetim, é porque o folhetim é frutinha do nosso tempo.

No parlamento, é um espectador serio e attencioso. Com a cabeça enterrada nas paredes mestras de uma gravata colossal ouve com toda a attenção, até os menores apartes, vê os pequenos movimentos, como profundo investigador das cousas politicas.

Ao sahir dali o primeiro amigo que encontra tem de levar um aguacciro de palavras e invectivas contra a marcha dos negocios mais interessantes do paiz.

De ordinario o aposentado é compadre ou amigo dos ministros, apesar das invectivas, e então ninguem recheia as pastas de mais memoriaes e pedidos. Emprega os parentes e os camaradas, quando os emprega, depois de uma longa ensia-
da de rogativas importunas.

E' sempre assim.

No saraü o empregado publico aposentado é pouco cortez para com as damas ; vai procurar emociões nas alternativas de um lindo baralho de cartas. Mas para não faltar ao programma, la vai tachando de imineral aquelle divertimento que tanto dinheiro absorve ; fica-lhe a consciencia.

Onde poderemos encontrar ainda o aposentado ? Elle vai por toda a parte onde se é licito rir e discutir, sem offensa publica.

O leitor conhece de certo a individualidade de que lhe fallo, é muito vulgar entre nós, e de qualidades tão especias que a denunciam entre tantas cabeças. Que lhe acha ? Quanto a mim é inofensiva como um cordeiro. Deixem-me mirar-se no espelho dos velhos usos, falar em politica, discutir os governos ; não faz mal.

Em uma comedia da nosso theatro, na mais recendente desordem, o Sr. Gustave Vane-

so e reverso. Mirem-se alli, e verão que apesar do estreito circulo em que se move, faz pallidos e myrrados estes ligeiros e mal distinctos lineamentos.

M.-us.

O TESTAMENTO DO SR. CHAUVELIN

ROMANCE

DE

ALEXANDRE DUMAS.

II.

UM QUADRO DE LATOUR.

(Continuado do n. 6.)

A feição da casa era o reflexo do caracter do inquilino.

Dissemos que as paredes 'eram pardacentas ; deveríamos dizer que eram negras.

Entrava-se por uma porta feita no muro, ao lado da casa do porteiro ; dava-se logo n'um jardim sem plataforma, todo circulado de latadas sem parreiras, caramanchões sem sombra, arvores quasi secas. Se acaso uma flor surgia num canto, era alguma flor selvagem que talvez tivesse vergonha de apparecer na cidade, e tomando este cercado sombrio e humido, por um deserto em ponto pequeno, la desabrochara por engano, julgando estar mais longe da habitação dos homens, do que na realidade estava : mas era logo colhida por uma linda menina rosada, de cabellos ruivos e anelados, que parecia um cherubim calhido do céo, e perdido neste cantinho da terra.

Do jardim, que poderia ter quarenta ou cinquenta pés quadrados, passava-se a um corredor para onde davam quatro portas : a da sala de jantar e da cozinha á esquerda, e á direita a da copa e da dispensa.

Esta loja por ser humida e escura quasi nunca tinha gente senão ás horas de refeição.

A verdadeira morada onde fomos introduzidos era no primeiro andar.

Compunha-se do palheiro, uma sala pequena e outra grande, camaras de dormir de Mme Windsor e de Mme. Villenave.

O salão era quadrado, e tinha um busto em cada canto ; um delles era do Sr. Villenave.

Magnificos quadros de artistas celebres, como d' Holbein, Claudio Lorrain, etc., ornavam as paredes, além de diversas peças d'arte e archeologia.

A mobilia de veludo d'Utrecht offerecia aos olhos da casa os grandes canapés de braços, e os estratobos, os poltronas, celadas,

Neste andar exercia Mme. Windsor o vice-reinado.

Dizemos vice-reinado porque apenas chegava M. Villenave as horas da conversa lhe pertenciam.

M. Villenave era detado de um caracter despotico tal que estendia-se da familia aos estranhos. Quem entrava em sua casa, parecia tornar-se propriedade do homem que havia visto e estudado tanta cousa, e sabia tanto. Não obstante esse despotismo que elle exercia como dono da casa, era bem conversado, com quanto porem difícil de excitar o interesse por não ser muito divertido e ainda menos espirituoso.

O seu salão era o inverso do salão de Nodier; quanto mais este demorava-se em casa, maior numero de pessoas concorria para apreciar-o.

Por felicidade raras vezes descia M. Villenave no salão. Conservava-se sempre no segundo andar, e só descia para jantar. E depois de moralizar um pouco com o filho, ralhar um pouco com a mulher, fechava os olhos e mandava a filha por-lhe os papillotes, e subia para seus apartamentos.

Já dissemos que M. Villenave era um velho magnifico, que mostrava ter sido um moço admiravel. Emfim é preciso confessar que era um velho casquinho, porém casquinho da cabeça. O mais pouco lhe importava. Fosse a casaca preta ou azul, a calça estreita ou apertada, o bico do sapato redondo ou quadrado, tudo isto era negocio do alfaiate ou do sapateiro, ou antes de sua filha, que é quem presidia a todos estes detalhes. Contanto que estivesse bem penteadó, nada mais lhe faltava.

De quatro peças alem da antecamara se compunha o aposento de M. Villenave. Nós as dividiremos em sala de jantar, gabinete de trabalho, camara de dormir, etc., etc.

Tratava-se muito destas superfluidades em casa de M. Villenave !

Havia cinco camaras para livros, mappas e cartões: eis ahí tudo.

Estas salas estão todas topetadas de livros, quadros dos melhores artistas, raridades scientificas, manuscritos, no meio dos quaes o sabio passará bons cincuenta annos de vida. O genio de collectonar era o que dominava M. Villenave. Assim parecia-lhe que estava no Paraizo, quando sumido no meio dos seus quarenta mil volumes, embebendo-se nas suas contemplações scientificas; para elle viver erasaber, e saber tudo.

Uma das camaras era a camara de dormir de M. Villenave: camara de dormir onde o leito tra por certo a cousa menos apparente: tão enterrado está elle em uma pequena alcova sobre a qual se fechavam duas portas de madeira entabulada.

Era nesta camara que M. Villenave recebia as visitas. Eis aqui como isto se fazia.

A velha criada, já me não lembra do nome, anunciava a M. Villenave uma visita, abrindo meio palmo a porta da camara.

Esta abertura da porta sorprehendia sempre M. Villenave era scismando, ora adormecido.

— Ein! O que é, Francisca? (supponhamos que ella se chamava Francisca.) Meu Deus! não se pode estar tranquillo um momento?

— Mas, senhor, é necessario que eu venha...

— Vamos, falla depressa: que me queres tu? Porque rasão me interrompes sempre nos momentos em que estou mais... ocupado?

E M. Villenave levantava seus grandes olhos para o céo com uma expressão de desespero, cruzava as mãos e dava um suspiro de resignação.

Francisca estava acostumada á scena: deixava M. Villenave fazer suas pantomimas e dar seus apartes. Quando elle acabava:

— M. Villenave, é o senhor A... que lhe quer fazer uma visita.

— Eu não estou em casa, vai-te embora.

Francisca puxava lentamente a porta: ella sabia bem com quem tratava.

— Espera, Francisca, tornava M. Villenave.

— Senhor?

Francisca tornava a abrir a porta.

— Disseste que é o Sr. A..., Francisca?

— Sim, senhor.

— Ora bem, vejamos, manda-o entrar, depois se ele demorar-se muito tempo, vem dizer que estão-me procurando: vai-te, Francisca.

Francisca fechava a porta.

— Ah! meu Deus! meu Deus! quem acrediaria? murmurava M. Villenave; eu nunca vou incomodar a ninguem e sempre ha de haver quem me venha incomodar!

Francisca abre a porta e introduz a visita.

— Oh! bom dia, meu amigo, dizia M. Villenave, seja bem vindo, entre, entro. Ha que tempo ninguem o vê! ora sente-se.

— Aonde? pergunta a visita.

— Mas, onde quiser, meu Deus!... no canapé.

— De boa vontade, mas...

M. Villenave lança os olhos para o canapé.

— Ah! sim, é verdade, está atulhado de livros, dizia; pois bem, puxe uma poltrona.

— Teria muito prazer, mas...

M. Villenave passava então uma revista nas poltronas.

— E' facto! mas, que quer, meu amigo? Não sei onde ponha meus livros. Tome uma cadeira.

— Não desejará outra cousa, mas...

— Como? está com pressa?

— Não,... é que vejo tantas cadeiras vagas como poltronas desoccupadas.

— Isto é incrivel, dizia M. Villenave levantando as mãos para o céo; é incrivel!... espere um bocadinho.

Levantava-se suspirando, ia tirar de cima de uma cadeira os livros que a ajojavam, e os depunha no chão onde já vinte ou trinta pilhas juncavam a camara, e conduzia a cadeira para ao pé da delle, isto é, ao pé da chaminé.

Acabo de dizer de que modo podia a gente sentar-se nesta camara. Vou agora dizer como se podia andar nella.

A's vezes acontecia que estando aberta a porta da pequena alcova, que dava para um corredor, e a outra que dava para a camara, resultava desta combinação, que se podia ver na alcova um quadro representando uma mulher moça e lindissima, tendo uma carta na mão.

Então, ou a visita não tinha a menor idéa da arte, e raros eram os desta longa familia, que vinham á casa de M. Villenave; ou levantava-se exclamando :

— Ah! senhor, que bello quadro!

E a visita fazia um movimento para ir da chaminé á alcova.

— Espere, gritava M. Villenave... espere!

Então notava-se que duas ou tres pilhas de livros embargavam a passagem para a alcova.

M. Villenave levantava-se, caminhava adiante, e como um habil mineiro, perfurava um tunnel por onde se podia chegar ao quadro que estava em frente do leito.

— Chegando perto, a visita repetia: oh! que bello quadro!

— Sim, dizia M. Villenave com aquelle ar elegante que em poucos velhos temos visto: é um quadro de Latour; representa uma amiga antiga, que já não é moça; porque, se me não falha a memoria, ella era em 1784, quando a conheci, mais velha do que eu cinco annos. Desde 1802, que nos não vemos; mas não deixamos de escrever um ao outro por mais de oito dias: e nossas missivas hebdomadarias são sempre recebidas com jubilo: oh! o senhor tem razão, o retrato é bello, porém o original ainda é muito mais bello!

E um raio de mocidade, brando como um reflexo de sol, roçava pelo rosto do bello ancião, romêçado de quarenta annos.

E muitas vezes neste segundo caso, Francisca não tinha necessidade de vir fazer um annuncio falso, porque se a visita era de boa companhia, deixava ao cabo de alguns instantes, M. Villenave entregue ao pensamento que lhe despertaria o quadro de Latour.

(Continua.)

A hospitalidade no Brasil.

(Impressões de uma viagem a Minas.)

III.

A fazenda era uma casa terrea, apenas reboada, como se vêem tantas pelo interior, onde o fazendeiro busca primeiro que tudo a commodidade, deixando o que elles chamam luxe para a cidade. Herdades sumptuosas, com todo o apparato de um palacio só se acham em grande numero na província do Rio de Janeiro. Nem isto é de admirar. Para que construir um palacio no deserto? No interior o que se exige é uma grande casa, que possa accommodar a familia e todos os aprestos rurais; grandes paioes para os tiveres e nada mais. De modo que pelo exterior da casa não se distingue ás vezes a choupana da fazenda, senão pelas dimensões, e pelo bu-
lício que aviventa a casa do rico.

A sala, que é o unico lugar onde entra o viajante, era mais comprida que larga. Uma ordem de bancos de pão orlava as quatro paredes. Pelas paredes, da mesma cor que as de fóra, viam-se pendurados sellins, enxergas, freios etc. Em um canto á direita umas tres ou quatro albardas com os pertences: á esquerda espingardas, pistolas, espadas e fouces penduradas.

Sobre uma mesa grande, sem tapele, havia um tinteiro velho, pennas, e papel; um livro que reconheci ser o código criminal, e um masso de quadernos em que não tocamos; mas evidentemente eram autos.

Um tinteiro por aquellas alturas já nos tinha feito desconfiar, mas os pormenores nos convenceram de que estávamos em casa do despota daquellas quatro ou cinco leguas circumvizinhas, isto é, estávamos em casa do delegado.

Dous ou tres cães que estavam deitados no chão terreo, porém liso e bem varrido, e salpicado de alguns tamboretes de couro, não nos receberam cordialmente, mas aquietaram-se sendo reprehendidos pelo Sr. Lopes.

Este Sr., que foi a primeira criatura humana que avistamos naquelle casa, era um homem profundamente antipathico.

Cabeça pequenina, queixo de fuinha, boca apertada, nariz de tratante, isto é, fino e arqueado, labios delgados, olhos vivissimos, tez amarellada, contra o commun naquellas paragens, eram indicio certo das funcções que desempenhava junto ao amo.

Era com effeito o Sr. Lopes o *fac-totum* do delegado.

Comocára por aggregado do capitão C .. (Na roça todo mandão tem este posto.) Ora o aggregado é uma entidade intermediaria entre o escravo e o capanga, para cuja classe são ordinariamente promovidos. E' um individuo sem eira

nem beira que intromette-se n'uma fazenda, evai-se deixando ficar sem mais nem menos, até que o dono da casa vai-lhe dando alguma incumbência, ou lança-o fóra se é preguiçoso.

Há porém agregados d'outra qualidade que constituem a especie *stata in statu*, e contam tres, quatro e mais ascendentes. Vivem com suas famílias em choupanas distantes da fazenda. Lá tem suas roças, sua criação, seus bois, seus carros. Apenas aos domingos antes de irem à missa vão prestar homenagem ao Suzerano, e no mais são independentes. Estes agregados (e muitos tinha o capitão C.) como os servos e os castellões na idade média, dão lugar às vezes a dramas bem terríveis.

Não é raro que a *nhanhanzinha* se namore do filho mais moço do agregado *tal*; mas em uma bella manhã o bello agregado amanhece morto em um valle, e a linda herdeira com os olhos encovados pelo pranto, os cabellos cortados, ás vezes contusa, porém mais vezes morta, ou decidida a unir-se no céo ao amante infeliz!

Da-se mais frequentemente o inverso, e então quem succumbe é um pobre ancião ferido na puerça da filha pelo desalmado baronete, que entra uma familia inteira, e vai contar impunemente aos amigos e capangas em roda de uma fogueira as proezas que fizera.

Mas tornemos ao Sr. Lopes.

Não era por bom que elle tinha abandonado a Campanha ou Pouso-Alto, da noite para o dia. Dizem mesmo que nessa noite o trumpho não fôra ouros nem copas. Chegando a Baependy não pôde ver boia: tal era a boa fama que tinha.

Passando pelos Serrancos encontrou-se com o capitão C., e depois de uma lamuria muito bem chorada, lá se foi o Sr. Lopes para a fazenda no humilde posto d'aggregado. O que elle queria era abrigo; quanto ao mais elle confiava em si.

Não tardou em apoderar-se da confiança do capitão, até que enfim o dominava completamente.

Sentio-se logo no arraial a influencia maligna d'aquele anjo decahido.

Não que o capitão fosse uma pombinha sem fel. Bastava que o governo—era na época dos odios politicos—lhe tivesse atado o fitão auriverde, para que se pudesse jurar com a cabeça sobre o evangelho, que elle não era boa rolha—mas, nas vinganças, nas perseguições havia mais methodo, as prisões, o recrutamento tomaram novo vigor: o susto, a consternação opprimira a todos os que habitavam os arredores.

Estava fresca a memoria das ultimas eleições e talvez n'aquele momento acabassem de lavrar-se bastantes decretos de proscripção—

— Entrem meus meninos, (disse uma voz de canina rachada) que fazem por aqui a esta hora? — estarão perdidos? .

— E' verdade, senhor, disse o irmão mais velho, desnortearmo-nos, mas avistando uma luz ao longe vimos pedir uma pousada.—

— Pois não! O Sr. capitão já vem, porém se não estivesse em casa era a mesma cousa: se sempre haver quem faça suas vezes (acrescentou elle com bosofia.)

— O' José, bradou elle; apareceu logo um escravo:) tira as botas a estes moços e vai dizer ao senhor que tem gente de fóra

D'ahi a tres minutos appareceu o delegado.

Era um homem mediano, barba grisalha, olhos fundos, testa larga, e saliente sobre os olhos, laconico, pausado no andar: trajava calças de algodão listrada, chinellas de couro branco, sem meias; e sobre tudo isto o ponche indefectivel.

Cumprimentou-nos balbuciando, por assim dizer, porque não lhe entendemos uma palavra e sentou-se em um canto, olhando para o Sr. Lopes, como quem diz:—tem a palavra—puxa pela lingua dos merlos, quero saber quem são.

— Então os senhores vem de muito longe, disse adocicadamente o Sr. Lopes, que já sem chapéo, mostrava uma calva magnifica, porém mal empregada.—

— Vimos de Baependy, respondeu o mais velho da caravana.—

— Mas não são de lá....

— Não senhor, saímos de Pind... em S. Paulo, mas nascemos em S. João.

— Ah! são sanjonenses, bonita cidade! que gente agradável... e eu que não reconheci logo que eram sanjoneus...

— Obrigado...

— Mas não vem morar nos Serrancos, de certo. .

— Não, senhor: vimos tomar a benção a nossos pais que estão aqui; ha dous annos que os não vejo, parece-me um seculo!

— Ai! suspirou o Sr. Lopes.

— Meu mano ja aqui esteve algum tempo, em quanto eu andava lá por outras terras sofrêndo bastante... mas enfim, com a companhia d'ele resolvi-me a quebrar um jugo odioso e vir ter com os nossos e tomar outra resolução sobre o nosso futuro.

— Pois tão criança e já tem sofrido tanto! disse hypocritamente o Sr. Lopes.

— E' verdade.

E aqui, como ja tinhamos feito em todos os logares por onde passamos, desenrolamos o quadro da nossa historia pintada com as cores da singeleza e da verdade, como se fallassemos a nosso pai—que aos 18 annos ainda não hadobrez no coração de um filho das montanhas.

(Cont.)

Alzira, ou a louca de Botafogo,

A segunda hora depois de meia noite acabava de soar; o céo obscurecido por densas nuvens pejadas de electricidade, cercava a terra de uma atmosphera quente e pesada, opprimindo-a, como se fosse uma abobada de chumbo. O fuzilar do relampago, as amiudadas gottas de chuva que principiavam a cabir e o estampido medonho do trovão, prediziam terrivel tempestade que se approximava.

Era uma noite feia, bem lugubre! era como opiar do mocho no silencio de um cemiterio.

Eu caminhava a essa hora pela estrada que desta cidade conduz a Botafogo; silencioso e tristemente mergulhado em sombrias meditacões, sugeridas pela grandeza e imponencia desse quadro da natureza verdadeiramente sublime!... Aqui — era a detonação da centelha electrica que se formava no espaço; ali — o sibilar do vento ao perpassar nas arvores; além — o quebrar monotonio das vagas revoltas de encontro ás pedras, e lá — a mão da Providencia a se revelar na luta dos elementios!

Quando cheguei ao caos daquelle bello arrabalde, fui obrigado pela chuva que então cahia fortemente, a recolher-me sob a protectora coberta de um alpendre; mal ahí me tinha acolhido, quando os meus ouvidos foram feridos pelas notas de um canto; esse canto era de uma mulher, que, graças á luz do um candeeiro proximo, pude distinguir assentada junto a uma das paredes daquelle alpendre.

Quem seria essa mulher que á hora tão adiantada de uma noite de tão ameacadora tempestade só se abrigava tão só, juntando a sua débil voz no concerto sinistro dos elementos?

Eu fui apercibido por ella; entretanto continuava seu canto; era elle bem triste! era como o gemido de um peito que só tem conhecido as dores e espinhos de um viver de lagrimas!

Em seu cantar ella misturava um nome e esse nome dava então á sua voz uma inflexão tão queixosa, tão terna, que recordava a ultima nota de uma harpa tangida por mão desejadesa no silencio de uma noite de luar.

Quando acabou seu canto, ella chorava, chorava a partir de dôr um coração qualquer; a intercessar a alma mais indiferente; silencioso e triste, eu a contemplava.

Era uma scena bem enternecedora, vê esse canto de uma dôr intensa, vertido no pangir de cerbo desespero; era triste ouvir o arquejar convulsivo de um peito na compressão de dolores soluços, e contemplar a mulher na sublimidade do sofrimento!

Enfiei franzido de compaixão por essa felicidade, approximei-me della, e procurei docemente apertar-lhe a consolação.

Ella ao ouvir minhas palavras levantou-se e quiz fugir; travci-lhe da mão para o impedir; ella encara-me assustada, e então pude vê-la perfeitamente; era mui bella! bella como o devem ser os anjos! alva e loira, seus compridos cabellos em desordem cahiam em magnificas ondas de ouro sobre seu collo mais branco que o mais bello alabastro; seus olhos eram tão limpidos, tão magnificamente pretos, tinham tanta languidez, que embriagavam.

Um poeta a chamaria archanjo, se os arcanhos podessem baixar á terra!

Depois de fixar-me por alguns instantes, rapidamente desprendeu sua mão das minhas, enlaçou-me ternamente em seus braços, exclamando: — Julio! meu Julio, porque tardaste tanto em vir? A tanto tempo te espero, que julguei jamais voltarias: porém agora, agora que te aperto em meu seio, já me não recordo o tempo que esperei, por que sinto palpitar o meu coração sobre o teu! diz, diz-me, se ainda nello arde aquelle amor immenso quo me consagravas e porque tudo sacrificuei!... mas, não me respondes?... não me conheces? será possivel quo já te não lembres de mim? eu sou Alzira, a tua loura Alzira, como me chamavas. Não te recordas daquellas felizes noites do Club, em que o nosso respirar, o pulsar de nossos corações, o queimar de nossos seios se confundiam no turvelhalo das valsas?... e que phrases tão ternas me dizias!... lembras-te daquella tarde em que... ai! era uma tarde mui bella, Julio, o ar tepido e embalsamado de meu jardim nos embriagava, tuas palavras cheias de fogo e de amor me enlouqueceram em teus braços. Não sei o que se passou! eu delirava! Quando tornei a mim, vi que tinha chorado, minhas faces estavam molhadas de pranto, e tu de joelhos sustentavas a minha fronte, que eu apoiava sobre teu peito; fallavas de tanta felicidade, de tanto amor, que parecia-me estar sonhando; mas, não! não foi um sonho, mais tarde vi que desde esse momento eu... era... mae.

Veni comigo, quero mostrar-te minha filha, nossa filhinha; ah! se a visses tão linda a brincar com suas debeis mãosinhos e sorris-te, sorris-te com o sorris dos anjos?

Queres vê-la? anda, vamos buscal-a, mas não faças rumor, ella dorme, está alli; olha, não vês aquelle objecto branco que indeciso fluctua á claridade desta luz que se reflecte nas aguas? é nossa filhinha, as vagas a embalam em seu berço de escuma! Ha duas horas que ella dorme... coitadinha! chorava tanto! tinha fome e teritava de frio; a pobre filhinha estava tão gelada! tão fria!... vê, Julio, lá vai

mbalada pelas ondas que tiveram compaixão
de minha dor e vieram buscal-a. Deixem-a
fornir!...

— Agora, disse-me a pobre moça sentando-se
obrigando-me a imital-a; dize-me onde esti-
este tanto tempo? um anno! um anno é um
seculo para quem ama, para quem se vê no
mundo abandonada e sem recursos, não é assim,
meu Julio?

E a infeliz chorava loucamente.

Aproveitei-me de um momento de pausa
para fazer-lhe comprehender o seu engano a
meu respeito, mas a todas as minhas observa-
ções, ella me respondia: — Não, Julio, não
procures illudir-me mais uma vez, tem compai-
xão de mim, eu te amo ainda muito! oh muito!

Olha, dá-me a tua mão; sentes este coração
que palpita sob este seio gelado pelo frio da
noite? é o coração de tua Alzira, ainda tão cheio
de amor como naquellas noites de nossos bailes.

— Não sejas insensivel ás minhas supplicas, um
anno de lagrimas e do humilhações, é prova
bastante de meu amor; e demais, lembra-te de
nossa filhinha, dessa innocenté que tem estado
até hoje sem um olhar, sem uma caricia de seu
pai!... Escuta... recordas-te daquelle noite em
que nos encontramos pela primeira vez nos sa-
lões do Club? lembras-te das ternas phrases de
amor que me fizeste ouvir? Foi uma noite bem
cheia de encantos para mim! achava tanta magia,
tanta fascinação na embriaguez das valsas,
na confusão de risos e de perfumes, que me ex-
tasiava. E comtudo eram esses salões os mesmos
que eu frequentava ha muito tempo; porem até
então tudo me era indiferente; as valsas me
aborreciam; a musica me incomodava; era
porque eu não a comprehendia! Para comprehendel-a é necessario ter no peito o amor, e na
cabeça o delirio; eu tive a prova disso nessa
noite; desde que te vi, desde quo soffri a im-
pressão de teu olhar, desde que ouvi a tua voz
tão terna, tão branda que me infiltrava na alma
um sentimento tão cheio de emoções diversas,
que me sorprehendia; era o amor, sim, desde
essa noite eu te amei, amei-te com todo o ardor
de meus quinze annos, com toda a crença de

minha innocencia! E quando te pedi a repara-
ção do mal que me havias feito; quando te ro-
guei que cumprisses a tua promessa ligando a
tua vida á minha; quando te mostrava o meu
estado de mãe, e a impossibilidade de occultar-o
por mais tempo á minha familia, tu te rias, rias-
te com um riso tão satanico que por um momento
te julguei louco; mas não! não o estavas; já
não eras aquelle moço honesto, espansivo e apa-
ixonado; tinhas nesse dia largado a mascara
que já te pesava, mostravas-te tal qual na reali-
dade eras: um libertino, um sedutor sem co-
ração, e sem piedade pelas suas victimas. Eu
quiz amaldiçoar-te, quiz pedir a Deus, a esse
Deus por quem me tinhas jurado tanto amor,
tanta felicidade! que me vingasse, que te fizesse
sentir todo o peso de teu crime, castigando-te;
mas não pude, louca! ainda te amava muito;
meu amor era superior á minha desgraca, e Eu
ainda esperava que te arrependesses! Desde
então, Julio, nunca mais te vi; indaguei e soube
que tiuhas ido para bem longe; não sei se eram
os remorsos que te afugentavam de lugar de
teus crimes...

Poucos dias depois, em casa de uma boa mu-
lher quo reconhecida a alguns benefícios quo eu
lhe tinha feito, e por commiseração me tinha
acolhido, dei á luz uma menina, a minha queri-
da Urbina, pobresinha condemnada desde seus
primeiros momentos á miseria e ás privações!

Ah! que nem sabes quanto soffri ao contem-
plar esse anjinho tão bello, lembrando-me que
ella teria de partilhar a indigencia de sua des-
graçada mãe! Para mais augmentar o horror de
minha situação, a boa mulher que tão caridosa-
mente me tinha acolhido e que comigo repartia
seus mesquinhos recursos, morreu... parece-me
que Deus privava-me de todo refugio para mos-
trar-me vivamente a enormidade de minha fal-
ta... porém... meu Deus! eu era inexperiente...
perdoa-me, eu não sabia que no coração de um
homem podesse haver tanta hypocrisia, tanta
maldade! dura tem sido a minha punição!
mas... perdão, perdão, meu Julio, esquece essas
palavras, não era eu quem fallava, era a mis-
eria! era a minha dor!

Um dia veio o proprietario da casa em que eu
e a boa mulher moravamos e expellio-me dura-
mente; embalde suppliquei que me deixasse
viver alli, que eu não tinha outro asylo para
onde ir! o monstro á nada attendeu, era um
homem bem mau! tu não o conheces, Julio?
era muito mau, bateu-me, e quando eu lhe
apresentava minha filha e pedia por ella, el-e
ria-se, ria-se injuriando-me!

A tres dias deixei essa mansarda onde tinha
entrado com a miseria e desesperação, e donde
sabia ainda mais miseravel, e quasi louca porque
minha filha e eu tinhamos fome e frio!

Minha Urbina chorava tanto ainda agora, coitadinha! tinha o corpo gelado pelo frio da noite! eu tive uma bella inspiração! lembrei-me dos que dormem o sonno da morte e não sentem frio nem fome, por isso quiz que ella também o fesse dormir. E' um sonno divino, tira a sensibilidade, e faz esquecer os dissabores da vida; porem é sonno do qual se não desperta jamais.

Sabes onde dorme nossa filha? olha, é alli: não vês aquelle objecto naquelle onda que se vem quebrar? é ella, ah! ah! ah! é nossa filhinha! Queres que a chame? mas, ella não ouve, ella está morta... eu atirei-a ao mar, ouvi sómente um gritinho, depois... depois escutei, e só ouvi o ruido das ondas que vinham em turbilhão quebrar-se de encontro ás pedras. Ella já dorme, ah! ah! ah!... não vês como me rio! é porque ella não ha de chorar mais... não terá mais fome.

E a infeliz ria, ria e batia palmas de contente!
Era uma pobre louca!

* * * * *

Daki a dijs as portas do Azylo dos doidos se abriam para dar entrada a mais um infeliz, cuja existencia é um continuo sonhar a que a scien-
cia dos homens chama loucura.

Seria a desventurada Alzira? quem sabe?
Rio de Janeiro... 185 ..

F. Hermes.

opera nacional.

II.

E' nos impossivel aqui apresentar por extenso os nomes de todos os artistas que figuraram nos theatros daquelle tempo, em que o Brasil ainda nas fachas infantis mal tinha em seu embrião o gosto pela musica de nossos dias. Comtudo as artes já recebiam mesmo nesses tempos outra animação que hoje, apesar de suas aspirações ao protectorado, já não sabe prodigalizar.

Será effeito da civilisação brasileira o descuido e falta de zelo por tudo quanto parece animação ás artes e ás letras patrias?

E' esta uma questão espinhosa e inteiramente fora do plano que nos temos traçado. Não queremos proceder á semelhante analyse, e por isso continuaremos conforme havíamos encetado o primeiro artigo.

Entre outros nomes de artistas nacionaes, guardados pela memoria de alguns homens daquelle epoca, citam se o conhecido por Pedrinho, o Lebato, Manoel Rodrigues José Ignacio da Silva, Costa, Silva, e Ladislão Benavente. Entre as cantoras não deixaram nomes menos co-
nhecidos as Sras. Joaquina da Lapa, que era prima-
dona, e natural de Minas, e que depois foi para Europa;
e as Sras. Luiza, Rosinha, Francísca de Paula e outras.

No vice-reinado de D. Fernando José de Portugal.

que sucedeu ao conde de Rezende, tendo falecido Pedro e Lobato e retirado-se da scena Luiza, Rozinha e Paula, entraram para o theatro varios cantores e professores de musica, como Luiz Ignacio, Geraldo e João dos Reis, baixo profundo de força tal que ainda hoje seria apreciado, não obstante essa monomania engendrada e mantida pelo lyrismo italiano. D'esta companhia, que era a que no Rio de Janeiro existia quando chegou a corte portugueza, faziam tambem parte as Sras. Maria Jacintho, Genoveva e Ignez.

Servia então de theatro o edificio depois ocupado pelo almoxarifado da casa imperial, contiguo ao paço.

O panno da bocca d'este theatro tinha algum merecimento e era obra de um artista brasileiro chamado Leandro, o mesmo que pintou o quadro da capella hoje imperial.

Representava aquelle panno a bahia de Nictheroy com suas montanhas, fortalezas, e a cidade, elevando se no centro o deus Neptuno em um carro formado de uma concha.—Neptuno empunhava o tridente com o braço direito e o seu carro era puxado por cavallos marinheiros. Estava rodeado de deuses e deusas, sereias e tritões, o que deveria dar-lhe um effeito admiravel pelo que diz respeito á optica.

Depois que a familia real chegou ao Brasil é que veio a primeira companhia italiana, da qual fazia parte a cantaria polaca Donè, que foi sucedida cremos que pela prima dona Scaramelli e pela Faccioli, e pelos cantores Panizi, Vacani e Bartolazi.—A chegada de actores estrangeiros matou a ideia da opera nacional: os artistas filhos do paiz foram postos de parte, e logo depois esquecidos.

Como o fazendeiro que derrubasse e lançasse fogo aos seus casas para em seu lugar plantar cerejeiras que importasse, assim temos feito nos: as bellezas do paiz de nada valem, só queremos, só achamos bom aquillo que nos vem de outras terras.

Não é assim que viremos um dia a registrar nas paginas artisticas de nossa historia os nomes de um Boieldieu, de um Auber, de um Herold.

Similia Similibus.

Quem chora o seu amor perdido, não tem lá muito juizo.

Creio que Dante foi um desarrasoado quando chorou a infidelidade da sua Beatriz. E maior papalvo foi Jacques Cigomini, que precipitou-se em uma lagoa, por ter recebido uma ingratidão de sua amante.

E quantos amantes não tem chorado a inconstancia de suas namoradas!

Não pensem, porem, que quero com isto dizer, que tem havido muitos amantes tolteiros! Nem todos são assim.

O amor é um campo de batalla, do qual aquelle que

deve ser esquecido e considerado como soldado de deus Cupido.

negocio de amor admitto a pena de talão, que me deixou registrada no seu código; em tal caso artista do *Similia Similibus* da homœopathia.

é a uma moça chamada Zizina.

que beleza de mulher! os seus olhos eram bellos assim tanto, que pareciam ter luz electrica; a engracada e mimosa era um ninho de encantos; o era uma pyramide divinamente torneada; ainda um nariz igual ao da minha Zizina.

o seu rosto era bello e divino; se Mme. Pompadour visse o retrato de Zizina se inflamarria de ciúme.

amei a essa mulher com todo o enlevo e ardor de um coração de vinte annos.

Era um amor que sabia de um vulcão.

Zizina que ao princípio fizera do meu amor a alma do seu coração, depois esqueceu-se de mim, e começou amanhar a um outro homem, feio como Esopo, pobre como Cedro, e corcunda como o marechal de Luxemburgo.

Não sei porque Zizina foi rebelde ao meu amor!

Ah!

Sinquer femme varie, disse o Ilustre Francisco I, quando entendido nestas cousas.

E o que deveria eu fazer?

chorar como Heraclito, suicidar-me como Chatterton!

No, nma ingrata não merece uma lagrima, quanto mais uma existencia.

Verri da memoria e do coração a minha antiga namorada, paguci a sua infidelidade com uma inconstancia, ouvi da pena de talão; aos pés de uma outra mulher depositei o meu coração transbordando de amor.

Vera não soffrer alguma levianidade, alguma outra instancia nos combates de Cupido, determinei multi-

o numero das minhas namoradas, como fazia o de Richelien.

Se alguma for infiel e leviana, terei

outra que tomará conta do meu coração.

je faço assim, e julgo que chorar uma ingrata, que rebelde ao nosso amor, é tolice; cura-se um amor outro amor novo: *similia similibus*.

M. de Azevedo.

Revista de theatros.

MARIO:—GYMNASIO; — Uma estréa; boa viagem! — As mulheres terríveis; — A Probidade. — s. PEDRO. — Suzana. — Anuncios.

Decididamente, leitora, a época é de estréas; um dramaturgo o mez passado, um actor no dia 10; duas artistas brevemente; tudo no Gymnasio.

O joven theatro tem crescido em pessoal e em merito, incontestavelmente em estima no espírito de sua platea istada.

Quando digo platéa illustrada, note a leitora que faço a devida exceção do folhetinista.

A ultima estréa que nos deu o Gymnasio, foi o Sr. Alfredo Tremoulet, joven artista chegado de Portugal, discípulo de Taborda, o Ravel daquellas bandas.

Se é possivel fazer um juizo sobre uma vocação manifestada apenas em uma scena comica, terei para o Sr. Alfredo palavras favoraveis. A *Guerra da Italia* é um quadro estreito para uma revelação, e depois tão localizado, tão especial á platéa de Lisboa, que o artista devia lutar com embaraços serios. Todavia o talento triumphou dessas contrariedades; e a platéa chamando-o á scena deu-lhe uma prova de entusiasmo e animação.

De feito, talento, compreensão, movimento, não faltam ao Sr. Alfredo. A scena comica que é uma satyra chistosa sobre a ultima guerra da Italia foi desempenhada com graca e intelligencia não vulgares entre nós. O joven actor não desmentiu o nome celebre que a par do seu apresentou aqui; é um discípulo de esperanças. Por mim, biographia sensabor das phases da arte, acastellado na fortaleza de meu folhetim, saúdo este novo capitão que se vai mar em fóra, caminho de um futuro: Boa viagem! boa viagem!

E agora que elle começa a ensaiar as suas velas ao vento, passemos nós, leitora, a outras novidades.

Temos algumas.

A mais notável é a comedie em tres actos do theatro moderno frances, *As Mulheres terríveis*. É uma das mais delicadas e espirituosas composições que conheço; chistosa sem ser burlesca, frisante sem ser immoral. Um desenho completo de caracteres, uma reprodução graciosa de factos que se dão na vida social; mão de mestre no desenvolvimento do dialogo e da accão, sem scenas de luxo, sem lances superfluos e truncados, eis o que se deu sexta feira no Gymnasio.

As mulheres terríveis estão encarnadas e representadas por uma mulher, a mulher do tabellião Ris. Ha ainda uma outra reprodução do typo, a Sra. Chatelard mas pôde ainda dizer-se, que é uma mulher terrível em herbe, em embrião.

A Sra. de Ris é o verbo encarnado nas formas elegantes de uma mulher de salão, o motu continuo da lingua. Curiosa e indiscreta, pergunta para saber, e falla para dar pasto a uma irresistivel vocação da tribuna. Não lhe escapa o menor movimento, o facto mais insignificante; quer saber tudo; tudo indaga, tudo pressiona, de tudo se informa. Depois, como se tanto conhecimento a affrontasse, não espera o trabalho digestivo da reflexão, deita o que sabe á primeira atenção em disponibilidade, ou sem ella.

Como se acaba de ver, um discurso vivo desta ordem é um escolho iminente, pôde causar scenas desagradáveis, lutas internas, escândalos publicos.

E' exactamente isso o que move toda a accão.

A acção da comédia nasce de uma indiscrição. A Sra. de Ris falla de uma entrevista à sombra de alamedas; trata-se da mulher de um hespanhol que também a escuta na sala, e cujo nome todos ignorão. Deve ao ser mulher não morrer de uma bala, mas em compensação vê-se em uma situação desagradável. O conde hespanhol segue-a por toda a parte como a sombra, como um Mefisto; heles; só quer saber o nome do homem que fazia de interlocutor na entrevista das alamedas. Ha aqui mais a pertinacia do allemão, que a raiva violenta de hespanhol: o conde é um verdadeiro método no acompanhar frio e resoluto os passos daquela pobre almanach arrependido.

Não me alargo em narrar o entrecho desta primorosa comédia. É bom que a vejão com a propria vista, os olhos que me estão lendo.

As honras da noite cabe, a Sra. Velluti, que desempenhou talentosamente o papel da Sra. de Ris, comprehendeu bem a larga face que tinha a pôr em prática, e de uma observação acurada nasceu a criação de um papel. E na comédia que o seu talento se manifesta: nessa esfera é que desejo ver; na comédia os seus exforços não naufragão nunca. O seu papel de sexta feira bastava para lhe dar um nome, se não tivesse já um, conferido pela opinião pública.

O Sr. Furtado revelou-nos uma nova direcção de suas tendencias. Depois de percorrer uma parte da escala artística, na interpretação de diversos e encontrados sentimentos dramáticos, inclinou-se antehontem, para comédia e entrou no salão com o riso e a chofa nos lábios. Não é um estranho na tenda em que se acaba de sentar; a inspiração deu-lhe antecipado conhecimento.

O Sr. Furtado como ensaiador merece ainda os aplausos do folhetim. Revela-se antes o cavalheiro do salão, que o actor do tablado.

O Sr. Joaquim Augusto merece também particular menção. No desempenho do papel a que se obrigou, interpretou com graça a pachorra de um marido pisciculor e botânico, adepto da doutrina do poeta persa, e cuidadoso conservador de seus pulmões.

Há um papel pequeno, limitadíssimo, que fez efeito, o Sr. Bonacoux, interpretado pelo Sr. Graça. Imagine a leitora um homem que faz cumprimentos em uma fórmula de final de carta. É inteiramente novo.

E' destas produções que o público precisa; o espírito das massas não as regeita, abraça-as.

Deu-se a *Probidade* no Gymnasio. Ainda uma encheira! Aquelle drama caiu no gosto do público que o aplaude sempre. Todavia falemos franco, depois do Luiz do Cibrão, não sei que acho na *Probidade*.

E' contudo um bello drama, menos o monólogo do judeu Jacob. Creio que é a primeira cousa que me fez abrir a boca no Gymnasio (o monologos).

O Sr. Martins caracterisou-se mal, ou antes não se

caracterisou, como lhe acontece quasi sempre. Mas, sobre a minha probidade de folhetinista, disse o seu papel sofrivelmente.

Os mais como sempre, *Manuel Escota* e *Henrique Soares* são duas creações soberbas. Os Srs. Moutinho e Furtado Coelho, trabalharam nessa noite com muito talento e muito gosto. Estavam inspirados.

Uma observação.

Já está um pouco velho aquelle retrato da sala de D. Guilhermina no 2.º acto: e o mesmo acontece com aquella cadeira de braços da mesma sala. Aconselhamos uma reforma sobre estes dois accessórios. São duas cousas que não estão na altura da importancia do Gymnasio, como pessoal, como repertorio e como publico.

Se tivesse tempo aconselhava alguma cousa á Direcção ácerca do pano de boca, mas... ficará para outra vez.

Os ores de ouro é um espirituoso disparate que tem agrado muito e que agradará ainda bastante. Foi bem desempenhado, aparte alguns senões. Aconselho aqui ao Sr. Militão, em quem acho aptidão e vontade, menos treinamento na scena. Desejava que se mostrasse mais negligente e como que se esquecesse do publico que tem diante de si. Haverá assim mais naturalidade. O Graça, no papel de Bertholdo, revelou ainda, seus grandes dotes artisticos; foi magnificamente bem no característico e no dizer do papel. No duello, quando é tocado pelo florete, não conheço nada melhor.

Duas passadas e vamos a S. Pedro de Alcantara.

Fez la beneficio a Sra. Ludovina Soares da Costa. Esta respeitável senhora, actriz de um passado de palmas, apesar da escola viciosa de seu genero, recorreu ainda vez ao publico. Não era uma gloria actual que fallava, era uma tradição que se levantava com os louros nas mãos. O publico la foi ao convite da artista. O drama era uma traducção de francez, *Suzana*. Má escolha fez a Sra. Ludovina, se é que a fez, o que podia deixar de acontecer, graças a officiosidade e mau gosto dos nossos traductores. E' verdade que foi applaudido por diversas vezes, mas pôde crer-se que havia ali uma homenagem antes á grande interprete de *Marianna*.

São oito quadros de um amontoado de disparates, e lugares communs. O thema é velho e conhecido.—Uma aldeã feliz, que entra no grande mundo, e que depois volta aos caros penates onde um desfecho moral absolve o autor e platea.

Todavia aqui não procede completamente a these. *Suzana* a aldeã deixa a sua terra, não por um desejo criminoso de abandonar seu pat, mas por uma traição que lhe armam. Foi um facto independente de sua vontade.

Por todo o correr da peça, *Suzana* pretende vingar-se de seu seductor. Este morre no 7.º quadro; pensaes que essa moça vai encontrar na aldeã uma felicidade em paga de um longo infotunio? Nada. Mauricio, o seu noivo, não a quer mais, perdoa-a, mas vai casar com outra, *Suzana* recolhe-se ao convento.

Não me ocuparei com a analyse dessa composição. Unicamente aconselho a quem competir, melhor escolha de peças, quando se tratar de dar, ao menos, um passatempo ao publico.

Continuo a pedir ao Sr. Barbosa menos exageração. No seu papel de *Lagouache*, foi perfeitamente mal. Tinha o carácter de um cavalheiro de fortuna, à altura do seu papel de bacia. Agradou à platéa, é verdade, mas enpeço aqui licença para não concordar com a platéa, concordando entretanto com os preceitos da crítica.

Anunciam-se grandes novidades. Em S. Pedro — *O curiro de S. Paulo* — velha pagina de gloria do Sr. José Caetano. No Gymnasio — *Rafael* — para a estréa da nossa patrícia D. Isabel, do Rio Grande; *Fey de corpo seguido n'alma*, para a segunda prova do Sr. Alfredo Trémoulet; e *Abel e Caim* para a estréa da joven actriz portuguesa, a Sra. D. Eugenia Camara.

O drama *Abel e Caim* é oferecido ao que consta pelo autor, ao Sr. Moutinho. Por um esquecimento não veio inscrito isso nos exemplares impressos entretanto, que o autor escreveu uma dedicatoria ao Sr. Moutinho digna de um como do outro.

Creio que a leitora não faltará a estas estréas.

Nem eu.

M.—as.

Pensativa.

Porqu'estás tão pensativa
Minha flor, que adoro tanto?
Quem roubou-te a cor mimosa
E desfez o teu encanto?

Não te amo? não me crês?
Que te faz tão triste assim?
As nossas juras de amor
Já tão cedo teram fim?

— Minha flor, abre teus labios.
Da-me o socorro ao amor;
Vem revellar teu segredo,
E mitigar minha dor!

Acaso n'alma a lembrança
De uma promessa perdeste;
E como um sonho passado
Ao acordar esqueceste?

Diz, oh bella! assim tão triste,
Pensativa, quem te fez?
Que tormentos ao teu rosto
Peram tanta pallidez?

Foi acaso uma suspeita
Agitar teu coração?
Oh! não creias, não duvides
Do minha nobre paixão!

Porque choras, se em tu'alma
Não existe a negra dor,
Dos cuidados que anuviam
A fonte do nosso amor?

Temes na luz de teus olhos
Que eu divise uma verdade,
Que dissipe as minhas crenças,
E roube-me a felicidade?

Minha flor, abre teus labios
Dá-me ao menos um signal,
Que me revelle o mysterio
Desse silencio fatal!

— Tenho n'alma um sentimento,
No coração uma dor,
Que não apaga a lembrança
Do nosso sagrado amor.

Vês alem, n'haste inclinada
Aquelle flor que murchou?
Como ella minha esperança
Pallida e fria ficou.

Deixa-me, pois quero n'alma
N'alma só ter a saudade,
Dessa flor que enmurheceu
E deixou-me na orphandade.

1859.

Ramalho Luz.

O canto do sertanejo.

(*Indígena brasileira.*)

Tupan disse à floresta; sé formosa,

Vive e ri.

« Tupan, disse a floresta, eu queria um noivo ; »
E eu nasci.

Nasci — no sertão florente,
Que namora a zona ardente
Do Equador ;
Como nasce o castanheiro,
Como do campo o galheteiro
Sem senhor.

Minha noiva é a floresta,
Que de Tupan manifesta
Seu poder ;
Que lamenta o sertanejo
Quando morre, e dá-lhe um beijo
Ao nascer.

Que faz dos cedros — roupagens,
Da voz das aves — linguagens,
E ri p'ra o céo ;
Que tem mil leitos de flores,
Onde o índio sonha amores,
No scio seo.

Tupan—disse à floresta; « sé formosa,

Vive e ri ! »

« Tupan, disse a floresta, eu quero um noivo ;
E eu nasci.

B. Seabra.

Chronica elegante.

Si eu fosse poeta um dia surprenderia a minha leitora apresentando-lhe uma chronica em verso : mas não a sou e por isso continuarei com a minha prosa chilra a ansar-lhe os sens lindos olhos de brasileira.

Quanto assumpto bonito por ahí não ha que merecer descripto em una poesia ! quanto corpinho de sylphide, quantos encantos de ondina ! Ah ! que si eu pudesse havia de ser poeta por força ; apregoaria por toda parte o meu nome, faria o meu proprio panegyrico, embora seja um labéo, como disse Garret, esse nome — poeta.

Em falta de novidade cantaria as estrelas, as festas, e afinal, quando estivesse exgotada a materia, faria uma viagem ao mundo da Lua, a ver a diferença que entre elle e o nosso ha.

Dou-vos minha palavra de honra, amavel leitora, que vos apresentaria essa descrição ; eu cá não sou homem de scienza infusa, aquillo que sei digo logo ; nem sou tambem como muitos que andam sempre no mundo da lua sem nunca saberem dizer o que lá se passa.

Desses o numero é grande.

Foi por andar no mundo da lua, que domingo fiz aquella gazeta ; creio que a minha bella leitora esperou-me todo o dia, com anciadade, por saber o que de novo nos teria trazido o paquete inglez ; esperou-me e eu não appareci ! Que gazeta imperdoável ; faltar depois da chegada de um paquete e em vespertas de um baile ! isso não tem desculpa, não tem. Confesso-me pois em falta e prompto para fazer todas as penitencias que me quizerem impor.

Uma já satisfiz ha tres dias em um passeio que lembrei-me de dar ao hotel *Prorenceaux*, onde jantei, e em companhia de um amigo tomei, acompanhados de uma chicara de café, dois calices de *cognac*, que me custaram nada menos que *seiscientos e quarenta reis*. Ora, pagar-se por semelhante preço dois calices de *cognac*, só por castigo. Entendi cá com os meus botões que aquillo era uma vingançinha com ferros de preço fixo e não *tugi nem mugi*. O que fiz, isto sim, foi protestar que não tomaria mais *cognac* e muito menos no hotel *Prorenceaux*.

Mas, deixemos o *cognac* e o *Prorenceaux* cuidemos do que ha, respeito á modas.

O nosso correspondente esqueceu-se completamente das leitoras do *Espehlo* e de mim. Nenhum figurino mandou desta vez ; gazeou, como eu gaxeai domingo passado ! Mas em compensação recebi uma carta de um amigo, que por lá passava, na qual manda-me dizer que

todas as moças do tom, que acham-se á par do movimento da época, usam agora os vestidos á suave, que, nado mais nada menos, são feitos assim :— o corpinho mui apertado e desenhando bem a cintura, aberto na frente em forma arredondada para deixar aparecer um collete branco acolchoado e afogado até o pescoco ; as mangas d'esse vestido continuam a ser á *Candiani*, como antigamente denominavamos.

Esse *toilette* exige sobremangas fofas de cassa ou cambraia, um pequeno collarinho de canudinhos da mesma fazenda e uma gravatinha preta.

Estou certo que no delicado corpinho da leitora haverá este *toilette* ir perfeitamente.

Um outro, escreve ainda o meu amigo, que está muito em moda é o de barege inglez azul e branco de quadrinhos, com um babado muito grande, sobreposto por cinco babadinhos, sendo todos elles enfeitados com fitas de tafetá preto em direcção recta ou obliqua conforme o gosto. O corpinho desse vestido deve ser tambem bastante afogado e terá uma fita preta ao longo de cada lado. As mangas tem fofos e babadinhos com os mesmos enfeites pretos.

E ahí tem a minha leitora o que ha de novo.

Não finalisarei esta chronica sem dar-lhe outra novidade. Quando a moda é de andar-se com saias á balão, todas andam ; quando é de vestidos de saio e chapéos á *guides*, todas usam ; pois bem, é agora moda tirar-se o retrato, todos querem multiplicar-se a phisionomia, e ahí temos o povo inteiro á retratara-se.

A leitora quererá tambem sem duvida seguir mais esta moda, por isso tocarei hoje n'este ramo da arte que acaba de obter um grande resultado. Creio fazer um serviço dando-lhe a conhecer tudo quanto possa interessar, e julgo-me mesmo feliz por ter um tão importante facto a comunicar-lhe.

A photographia, que depois de sua descoberta já tem feito grandes progressos, pôde-se dizer que acaba de chegar ao seu apogeo com a criação da *panotypia* e da *emalotypia*, novos processos que juntos á modicidade do preço facilitam a qualquer tirar o seu retrato.

Na rua de S. Pedro n.º 126, casa do Sr. A. Gaspar da Silva Guimarães, a leitora poderá reconhecer toda a verdade do que lhe estou agora dizendo.

O Sr. Gaspar acaba de fazer a aquisição de tres artistas recentemente chegados de França e de Inglaterra, que consta-nos serem peritos na sua arte.

Cada retrato importa apenas em dois mil reis ; nada mais barato, venha tirar o seu e convido a leitora a fazer o mesmo.

TYP. COMMERCIAL
DE
F. O. QUEIROZ REGADAS
PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO N.º 9.
1859.